



Conversa com cineasta // EVALDO MOCARZEL

À MARGEM DO BLOCKBUSTER

» RICARDO DAEHN

Sua quase como um casamento a relação entre o cineasta fluminense Evaldo Mocarzel e o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Nessa integração entre um patrimônio cultural zeloso das bases críticas, que favorecem debates e educam público afoito, e um diretor de cinema que, há mais de 10 anos, aposta em registros documentais éticos e precavidos em termos da apropriação das imagens dos personagens enfocados, o Cine Brasília parece servir de templo para celebrar tal matrimônio. Foi lá que, ainda em fase de namoro, pela produção *À margem da imagem* (2002), Mocarzel foi laureado com o prêmio Margarida de Prata, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), antes de competir no festival por produções como *À margem do concreto* (2006), *Jardim Ângela* (2007), *À margem do lixo* (2008) e *Quebradeiras* (2009).

Se participar da seara formada no festival, na opinião de Mocarzel, “é estar na linha de frente do cinema independente e autoral que se faz no Brasil”, aos 51 anos, ele novamente pode se sentir contemplado já que o curta *Encontro das águas* (codirigido por Bruno Torres) — um estudo sensorial de ambientação na Chapada dos Veadeiros (GO) — está na Mostra Brasília, com exibição programada para hoje, no Museu Nacional Honestino Guimarães.

Pelo que conta, a fita deve ser mais uma contribuição em defesa do contrapeso ao cinema comercial. Aliás, na “eternamente embrionária ‘indústria’ de filmes nacionais”, como ele define, a experimentação visual de obras investigativas deveria buscar harmonia perante o dito “cinema comercial”.

No cenário atual das produções audiovisuais, Evaldo Mocarzel questiona equívoco adotado até na mídia da “defesa de que fazer bom uso de verbas públicas é atingir recordes de bilheteria e produzir blockbusters a todo custo”.

De volta ao campo da capital cinematográfica que atribui prêmios Candango, um elogio exaltado pelo cineasta — “o Festival de Brasília trata o filme documentário e a ficção propriamente dita com a mesma deferência, sendo tudo cinema” — pode vir a ruir em 2012, e ameaça azedar, em parte, a estável relação do cineasta com a cidade. Uma turbulência que, seguramente, não vai liquidar o eterno apreço de empolgação: “Em Brasília, o longa *À margem do concreto* (2006), que focalizou a luta dos movimentos de moradia em São Paulo, ganhou o Prêmio do Público em Brasília, com aval da sempre calorosa plateia. Isso recarregou por muitos e muitos anos a minha garra de fazer cinema no Brasil”.

O festival de Brasília está em decadência?

De modo algum. Outros festivais importantes surgiram, alguns com elevados prêmios em dinheiro, o que é sempre um alento para realizadores independentes, mas o Festival de Brasília ocupa, e sempre ocupará, um lugar de honra na nossa cinematografia.

Então foram válidas as mudanças adotadas pelo festival?

O Festival de Brasília é um dos maiores patrimônios do Cinema Brasileiro, tenho o mais profundo carinho e admiração por essa mostra tão importante e acho que a abertura para longas com projeção digital era uma bola que estava quicando há algum tempo. A flexibilidade no ineditismo dos filmes também

tem um aspecto interessante, pois essa exigência pode levar a uma seleção não necessariamente de elevada qualidade cinematográfica. Por que não reunir no festival o supracitado da produção brasileira? Talvez esse seja um caminho curatorial relevante e diferenciado num momento em que a maior parte das mostras de cinema quer filmes inéditos a todo custo.

Qual o papel do novo festival e qual a sua visão das últimas edições?

Um dos grandes diferenciais do Festival de Brasília é tratar o filme documentário e a ficção propriamente dita com a mesma deferência, ou seja, tudo é cinema! Sobretudo nos dias de hoje, em que a combinação do documental com o ficcional virou uma das palavras de ordem da criação cinematográfica contemporânea. Esse diferencial é um patrimônio curatorial do festival e espero que esse clarividente conceito se mantenha por muitos e muitos anos, pois o Festival de Brasília é talvez a única mostra do mundo onde ambas as vertentes são tratadas com o mesmo respeito, com a mesma importância: tudo é cinema!

Na memória afetiva guardada pelos anos em que você integrou a mostra competitiva do evento, qual é a mais forte?

Como realizador de filmes, um momento extremamente marcante e inesquecível e que me deu energia para continuar lutando no cinema nacional foi a sessão do documentário *À margem do concreto*, há alguns anos. No fim da projeção, houve uma ovação que não era simplesmente catártica, mas uma feroz demonstração de indignação do sempre caloroso e polêmico público de Brasília, outro gritante diferencial desse festival tão importante.

Para onde caminha o cinema nacional? É possível detectar um bloco de produções que seja passível de análise teórica, com implementos em Linguagem, padrão estético, corrente temática e afins?

O cinema brasileiro atravessa um momento que poderia ser definido como uma espécie de injeção de capitalismo na nossa eternamente embrionária indústria de filmes. Nada contra o chamado cinema comercial, muito pelo contrário. No entanto, o cinema independente, que corre riscos e envereda por uma experimentação sempre tão necessária à oxigenação das linguagens artísticas, esse tipo de cinema não pode jamais ser colocado para escanteio. Acho que há uma crença até mesmo equivocada na mídia, de um modo geral: uma defesa de que fazer bom uso de verbas públicas é atingir recordes de bilheteria, produzir blockbusters a todo custo. Nada contra o fortalecimento da nossa indústria sempre tão frágil há tantas décadas, mas há de se ter espaço para projetos mais experimentais, mais sensoriais, mais ensaísticos. A linguagem do documentário, dos filmes sociais e políticos, tudo isso precisa ser garantido com incentivos públicos e não pode ficar à mercê da visão de cultura dos diretores de marketing das grandes empresas.

Qual é o papel do público do cinema brasileiro? Ele tem fortalecido uma corrente de comédias ou de títulos que encontram aparato de mídia “global” para maior massificação?

Acho que o grande público do cinema nacional ainda está por vir, com a construção de salas populares, não necessariamente confinadas em shopping

centers. Mas, às vezes, fico me perguntando: “Será que a violência e as atmosferas chanchadescas são mesmo os grandes atrativos para levar as pessoas ao cinema? Será que algum dia conseguiremos ter no Brasil um blockbuster sem verba das chamadas majors estadunidenses e sem o apoio de mídia da Globo Filmes?”.

Como você percebe a receptividade do filme brasileiro no exterior?

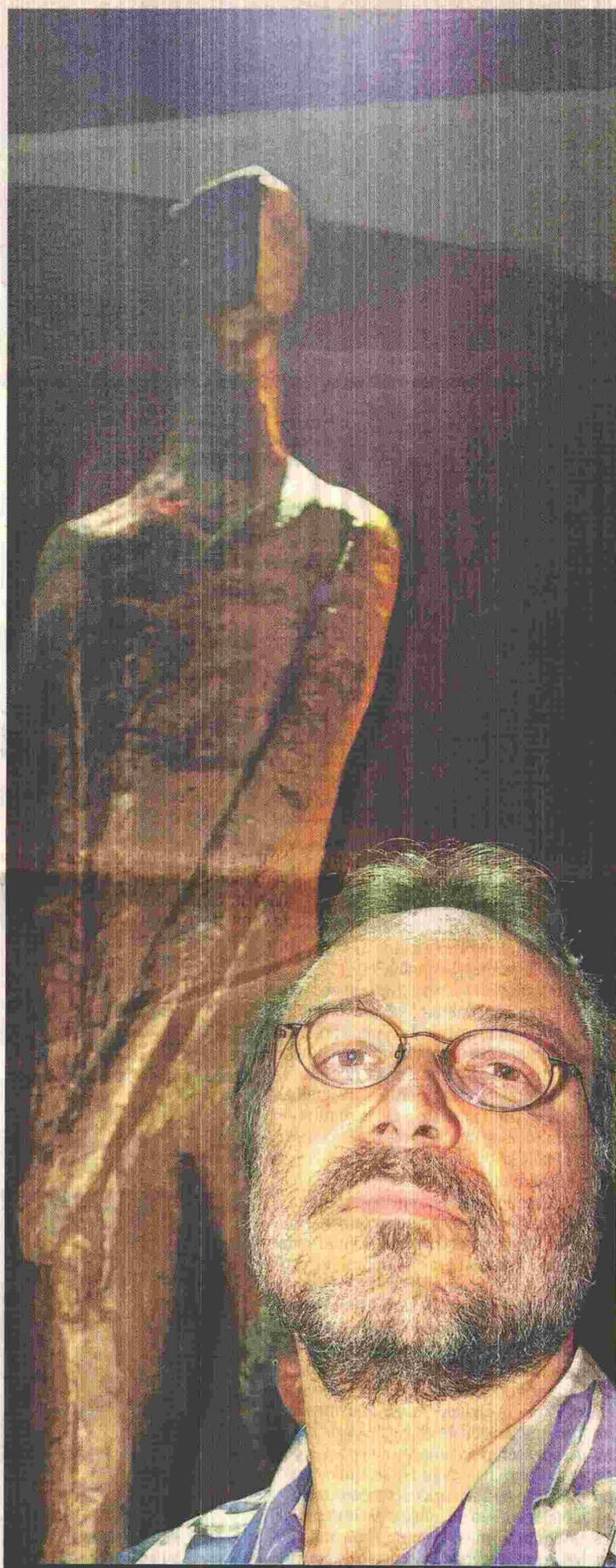
Lá fora, a expectativa com relação ao nosso cinema está muito mais voltada para filmes autorais, obras que ampliem os horizontes da linguagem cinematográfica. Por outro lado, é realmente preciso conquistar o nosso mercado interno, disso não tenho dúvida. É preciso encontrar uma maneira de equilibrar o chamado cinema comercial com obras mais autorais e investigativas. Talvez seja esse um caminho mais acertado a se buscar. No que diz respeito às novas tendências do cinema brasileiro e também mundial, há uma marca muito forte que está até mesmo se tornando um modismo no Brasil e no resto do mundo: a hibridização das difusas fronteiras que separam o filme documentário da ficção propriamente dita, um embaralhamento das fronteiras que rondam a representação do real na linguagem do cinema, fonte de deleite estético de grande parte da crítica contemporânea. No campo da ficção propriamente dita, há uma potência muito grande em Pernambuco, com seu cinema de ponta, arriscado, sempre muito corajoso. Já no campo do filme documentário, vejo uma efervescência muito grande em Minas Gerais, uma geração talentosíssima de realizadores que problematizam, em muitos momentos de uma maneira extremamente sensorial, a representação do real na arte cinematográfica.

Como foi o processo de desenvolvimento do curta-metragem *Encontro das águas*, que será exibido, hoje, na Mostra Brasília?

Fiz o filme com o meu grande amigo Bruno Torres e defino a produção como um haicai cinematográfico realizado na Chapada, em que revisitamos os experimentos da chamada Escola Soviética (de Dziga Vertov, principalmente) e procuramos trabalhar com estrofes matemáticas de fotogramas (com imagens de água), tudo construído sobre uma trilha sonora dos compositores eruditos Marcus Siqueira e Thiago Cury, que fizeram melodias com mais de 150 paisagens sonoras captadas por nós na região. Um filme poético, em que subordinamos a imagem ao som, à cadência musical das paisagens sonoras dessa belíssima locação nos arredores de Brasília.

Quais são os seus novos projetos e em que fase se encontram?

Estou envolvido em vários novos projetos: *Cuba libre*, sobre a volta da atriz transexual cubana Phedra de Córdoba (do grupo teatral Satyros e musa da Praça Roosevelt, no centro de São Paulo) a Havana, depois de 53 anos, e após Mariela Castro, filha de Raúl Castro, ter criado um decreto de aceitação dos homossexuais em Cuba — que, diga-se de passagem, nos primeiros anos da revolução, eram confinados em campos de concentração para cortar cana (o filme será exibido na *Première Latina* do Festival do Rio, na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo e no Mix Brasil). Estou finalizando um documentário sobre a Antártica e fazendo uma grande documentação do teatro paulistano contemporâneo, que está bombando.



“NA FICÇÃO, HÁ UMA POTÊNCIA MUITO GRANDE EM PERNAMBUCO, COM SEU CINEMA DE PONTA, ARRISCADO, SEMPRE MUITO CORAJOSO. JÁ NO DOCUMENTÁRIO, VEJO UMA EFERVESCÊNCIA MUITO GRANDE EM MINAS GERAIS, UMA GERAÇÃO TALENTOSÍSSIMA DE REALIZADORES”

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Hoje, no Museu Nacional Honestino Guimarães, pela Mostra Brasília, a partir das 15h. Curta do Distrito Federal com 8 minutos de duração. Direção: Evaldo Mocarzel e Bruno Torres.